



Tempo de Carnaval: políticas culturais e formulações identitárias em Fortaleza

Danielle Maia Cruz
Lea Carvalho Rodrigues

***Danielle Maia Cruz** é Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará e **Lea Carvalho Rodrigues** é Professora doutora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará*

Resumo: O artigo discute o modo como as políticas culturais municipais empreendidas pela Secretaria de Cultura de Fortaleza, entre os anos 2004 e 2010, operam no processo de ressignificação de identidades culturais. As reflexões aqui apresentadas tomam como referência empírica os desfiles de maracatus e de blocos de pré-Carnaval ocorridos no Carnaval em Fortaleza, Ceará. Trata-se de apresentações que integram um "ciclo de atividades" na cidade, no período carnavalesco, e que são viabilizadas por meio de editais públicos intitulados "editais da cultura". Do ponto de vista do poder público, as apresentações de maracatus e blocos de pré-Carnaval, dentre outras manifestações, promovem ideias sobre Fortaleza que a associam a uma cidade cultural, voltada às tradições, desconstruindo, nesse sentido, imagens que a relacionam somente às belezas naturais, como as de seu litoral.

Palavras-chave: políticas culturais; identidades; manifestações culturais; Fortaleza; gestão municipal.

Abstract: This article discusses how the municipal cultural policies undertaken by the *Secretaria de Cultura de Fortaleza* (the Department of Culture of Fortaleza), between 2004 and 2010, take part in the process of resignification of cultural identities. The reflections presented here take as empirical reference the *maracatu* and the groups of pre-carnival parades which perform during carnival times in Fortaleza – Ceará. They happen to be part of a "cycle of activities" held in the city during the carnival, and they are made possible by public invitations to bid. From the point of view of the public power, the presentations of *maracatu*, groups of pre-carnival revelers, together with other cultural expressions, promote ideas about Fortaleza associated with a cultural city, focusing the tradition, and unbuilding, this way, images that associate it only with natural beauties, such as its coastline.

Key-words: Cultural policies; identities; cultural expressions; Fortaleza; municipal administration.



Introdução

É tempo de carnaval¹. A cidade de Fortaleza (CE) ganha outra dinâmica nos meses de janeiro e fevereiro, pois, nesse período, os espaços públicos da cidade são reordenados por apresentações de blocos de pré-carnaval e desfiles de manifestações culturais como o maracatu – prática que rememora o cortejo de coroação dos reis negros ocorrido em distintos países, no âmbito das irmandades religiosas de pretos, desde o século XVI (SOUZA, 2002). É a partir do ano de 2007 e 2008 que, respectivamente, os blocos de pré-carnaval e grupos de maracatu se inserem em um conjunto de práticas promovidas pela Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR) por meio de editais municipais.

Segundo informa a SECULTFOR, o estímulo a essas atividades tem como finalidade “fortalecer as raízes culturais de Fortaleza” (FORTALEZA, 2008)” e promover um carnaval que “dispense trios elétricos e opte pela tradição” (FORTALEZA, 2007a). Por intermédio dessas ações culturais são instauradas, em Fortaleza, novas acepções de tempo balizadoras dos usos que os brincantes e o poder público fazem do espaço social, promovendo inversões de normas e valores nas áreas da cidade tidas, cotidianamente, como lugares de passagem e também naquelas estereotipadas com terminologias degradantes.

Exemplo significativo é o da Avenida Domingos Olímpio, local de apresentação dos maracatus, sempre ressignificada durante o Carnaval, e hoje denominada pelo poder público como pólo carnavalesco “Quando Fevereiro Chegar”. É possível observar a inversão da lógica cotidiana também na Rua dos Tabajaras, localizada na Praia de Iracema, onde há vários imóveis desapropriados, em ruínas, enquanto não se concretiza o projeto de revitalização proposto pela atual gestão municipal. A partir dos anos 2000, ocorre a proliferação de discursos midiáticos e de moradores do bairro que vinculam a Rua dos Tabajaras e seu entorno ao perigo e ao abandono (BEZERRA, 2009), sendo essa lógica invertida, mesmo que brevemente, conforme foi percebido nas observações de campo, pela sonoridade, movimento e colorido dos blocos de pré-carnaval.

Fundamentando-se no estilo de apresentação que ocorre na atualidade, é possível demarcar o ano de 1937 como o do início das apresentações de maracatu em Fortaleza, quando o maracatu Az de Ouro se apresenta no carnaval. Sobre os blocos de pré-carnaval, o marco é o surgimento da Banda do Periquito da Madame, em 1980. Antes da implementação do primeiro edital de fomento aos maracatus, no ano de 2007, a pasta da cultura da atual gestão municipal e das anteriores destinava as

verbas à Federação das Agremiações Carnavalescas Cearesenses (FACC), e esta as repassava às agremiações - exceto aos blocos de pré-carnaval, de acordo com seus critérios, conforme explicita o estatuto da FACC. Já os blocos de pré-carnaval passam a receber sistematicamente apoio financeiro da prefeitura somente a partir de 2007, por meio dos editais, pois, anteriormente a esse período, o poder público apoiava-os por meio da organização do trânsito e de outros mecanismos que garantissem a ordem pública.

A participação da atual gestão municipal nessas apresentações representa um dado relevante na reflexão aqui encetada, pois a lógica composicional dessas manifestações, os significados atribuídos ao tempo de carnaval pelos brincantes e pelo poder público, além dos rearranjos simbólicos que se promovem na cidade, estão intimamente relacionados às articulações entre cultura e política. O conceito de cultura é aqui tomado como “[...] a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos” (SAHLINS, 1997, p. 45); como construção e expressão de significados (GEERTZ, 1990), portanto como instância construída e vivida, experienciada pelos indivíduos no curso de múltiplas interações, com base em valores compartilhados e nos significados que são atribuídos às ações (RODRIGUES, 2004).

O aporte financeiro ocorre mediante a obediência a alguns quesitos. O edital de seleção pública de 2007 para fomento às agremiações carnavalescas de Fortaleza considera como maracatu todo grupo que apresente as seguintes alas: “[...] índios, batuque, baianas, balaieiro, calunga, preto e preta velha, corte representada com suas princesas e príncipes, serviçais portando sombrinhas, incensos e abanadores” (FORTALEZA, 2007b, p. 1). Além disso, solicita-se que o rei e a rainha tinjam a face de tinta preta, também chamada de negrume. Este é um elemento peculiar dos maracatus cearenses.

Em relação aos blocos de pré-carnaval, o edital de 2008 informa como critério de seleção a “[...] utilização de bandas de sopro e metais, charangas, percussão e baterias de escolas de samba fundamentadas em ritmos de raiz” (FORTALEZA, 2009, p. 9). Estimula-se, também, o uso de bonecos gigantes. Como será visto ao longo deste artigo, as ações de brincantes e do poder público indicam a constituição de uma temporalidade marcada por tensões e negociações, pois, apesar das regras impostas pela gestão municipal, os brincantes ressignificam suas práticas por meio de suas lógicas próprias.

Pressupõe-se que, subjacente a essas ações promovidas pela prefeitura, esteja o interesse em redimensionar as identidades culturais em Fortaleza, em promover

imagens relacionadas às manifestações culturais, de modo que se institua uma cidade não vinculada somente às belezas naturais, como as praias.

De acordo com a página oficial da campanha eleitoral de reeleição da atual prefeita, “[...] na área da cultura, nunca havia sido feito nada parecido com o que aconteceu nesses 4 anos”². Essa informação instigou a comparação com os governos anteriores, em âmbito municipal e estadual. A menção às gestões anteriores nas duas esferas políticas será necessária em razão das fortes articulações entre essas duas instâncias no período que vai de 1987 a 2002 e em razão das imagens que associam, enfaticamente, Fortaleza ao litoral terem sido produzidas, primordialmente, em âmbito estadual, por meio do projeto de desenvolvimento econômico do Ceará nas décadas de 1980 e 1990.

O presente artigo busca compreender de que modo as políticas culturais municipais adotadas em anos recentes operam no processo de formulação e/ou *ressignificação* de identidades culturais na cidade, tendo como referências teóricas Sahlins (1990), Anderson (1994) e Hobsbawn (2008). Toma como dados empíricos as manifestações carnavalescas, dos blocos de pré-carnaval e dos maracatus – descritos na primeira parte do texto –, para então discutir em que medida as atuais políticas culturais municipais para esse segmento interferem nas práticas tradicionais ou recriam-nas. Apresenta, também, as concepções de cultura e identidades culturais subjacentes a essas políticas.

A cidade de Fortaleza e seus carnavais

Segundo Palmeira (2002, p.175), “[...] tudo é ‘temporalizável’, mas só é ‘temporalizado’ (isto é, transformado em tempo) o que é considerado socialmente relevante pela coletividade em determinado momento”. Na cidade de Fortaleza, múltiplas concepções de tempo orientam a vida das pessoas nos meses de janeiro e fevereiro, quando se inicia o tempo de carnaval. Se para uns é um tempo marcado pelo total extravasamento, para outros é atravessado por evitações e sacrifícios. Importa destacar um tempo que para muitos é especial. Tempo de conagração, de festejar, rememorar mitos e afetos, de expor habilidades e visões de mundo por meio de práticas culturais como os blocos carnavalescos e os grupos de maracatu. Tempo conformado por atividades desenvolvidas durante todo o ano, voltadas ao bom desempenho da performance no dia das apresentações. Tempo especial também para o poder público, pois, conforme sugere a gestão municipal, é tempo de promoção da

cidade, de difusão de símbolos identitários e da tradição.

Assim como outras cidades, Fortaleza conheceu o carnaval dos entrudos, das batalhas de confete e serpentina, dos bailes em clubes elegantes, dos desfiles de carros luxuosos e das apresentações de manifestações populares nas ruas, como os blocos de carnaval, de pré-carnaval e os maracatus. Com outros significados, estes últimos se fazem presentes na atualidade conformando uma temporalidade que se inicia com os blocos de pré-carnaval no mês anterior ao período momino, geralmente janeiro, e finda no último dia do carnaval propriamente dito.

Embora se afirme a tradição de algumas agremiações, por manterem em suas composições modelos de vestimentas, coreografias e ritmos musicais, sempre houve uma ressignificação desses elementos no decorrer do tempo. O contexto histórico, a intervenção do poder público nas apresentações, a difusão de imagens sobre a cidade e as visões de mundo dos brincantes são elementos cruciais no processo de atribuição de novos significados, pois, como afirma Sahlins (1990, p. 9): “Os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos”.

A constituição do tempo de carnaval em Fortaleza é um processo que pode ser pensado a partir dos anos 1930, quando se deu, no Brasil, com maior força, a propalação de ideias nacionalistas e a valorização de práticas culturais. Época em que o carnaval foi nomeado como festa brasileira, como destacou Queiroz (1999).

Segundo Oliveira (1997), o primeiro bloco a surgir no carnaval fortalezense foi o Prova de Fogo, em 1935. Em relação aos maracatus cearenses, muito se aponta o ano de 1936 como o do surgimento dos maracatus cearenses, particularmente em razão da fundação do Az de Ouro, quando Raimundo Alves Feitosa vislumbrou a concepção de um maracatu em Fortaleza, inspirado nos maracatus observados em Pernambuco. No Carnaval de 1937, o Az de Ouro foi chamado a participar do desfile de rua de Fortaleza a convite do rei momo Ponce de Leon (COSTA, 2009). Embora a década de 1930 firme, no contexto do carnaval, o início dos maracatus cearenses, Marques (2009) e Barroso (2005) apontam a existência de congos e maracatus na cidade desde o fim do século XIX. Em suas memórias, Gustavo Barroso narra que, em fins do século XIX, “[...] filas de negros, de pessoas cobertas com cocares, com saiotos de penas, dançavam e cantavam soturnamente ao som dos batuques e maracás” (BARROSO, 2000, p. 46-47). Trata-se, diz o autor, dos maracatus do Outeiro, da Apertada Hora, do Moinho Conrado, da Rua São Cosme, do Morro do Moinho e da Prainha, referenciando os bairros nos quais essas práticas ocorriam.

Sobre o “carnaval de rua” – expressão popularmente atribuída aos desfiles que ocorrem nos espaços públicos de Fortaleza –, destacava-se, também, a presença dos “sujos”, blocos que expressavam sátiras políticas e sociais. Segundo Pires (2004), após a Segunda Guerra Mundial em 1947, ganhou notabilidade o cordão das Coca-Colas:

[...] homens vestidos com saiotes, alguns grávidos [...]. Era uma referência satírica às jovens que frequentavam as vesperais na Vila Morena, depois Estoril, o velho casarão da praia do Peixe, hoje praia de Iracema, para dançar com os militares americanos durante a Segunda Guerra Mundial (PIRES, 2004, p. 20).

Nessa época, de acordo com Militão (2007), os Diários Associados criaram um concurso de premiação para o “carnaval de rua” de Fortaleza, que, segundo o autor, incentivou a participação de blocos carnavalescos, maracatus e cordões no carnaval. Em 1960, o “carnaval de rua” tornou-se uma atividade de caráter competitivo, promovida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Nas décadas de 1950 e 1960, surgiram os maracatus Estrela Brilhante, Leão Coroado, Às de Espadas e Reis de Paus. Os dois últimos, inspirados em cartas de baralho, aludindo ao caráter competitivo dos desfiles; os dois primeiros, em animais totêmicos africanos, como ocorre nos maracatus pernambucanos (COSTA, 2009).

Na década de 1960, período da ditadura militar no Brasil, as escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro aludiam à brasilidade e a símbolos de identidade nacional, produzindo um modelo de carnaval que influenciou várias cidades brasileiras. Sambistas e passistas de agremiações carnavalescas do Rio de Janeiro, como Acadêmicos do Salgueiro e Unidos do Lucas (PIRES, 2004, p. 34), foram convidados a expor suas experiências na cidade de Fortaleza. Tal visita fez com que muitos blocos cearenses virassem escolas de samba, como ocorreu com o bloco Ispaia Brasa, referência até 1979, quando encerrou suas participações no carnaval de Fortaleza por elevadas dívidas contraídas, já que os recursos disponibilizados pela prefeitura, na época, eram ínfimos.

Inicialmente, o “carnaval de rua” de Fortaleza foi organizado por órgãos da imprensa, juntamente com a Federação Carnavalesca, criada em 1948 (COSTA, 2009). Em 1960, a prefeitura iniciou sua participação nas festividades carnavalescas, conforme relata Militão (2007).

As relações entre brincantes e poder público são tensas desde essa época, pois, se em cidades como Salvador e Recife, o “carnaval de rua” sempre contou com o apoio sistemático do poder público e com a crescente participação de entidades privadas,

como destaca Costa (2009), em Fortaleza as gestões municipais e estaduais sempre conferiram pouco apoio financeiro à festa. Em razão disso, ocorreram, desde 1963, inúmeras suspensões dos desfiles de blocos, cordões e maracatus como forma de protesto dos brincantes junto ao poder municipal.

Segundo Costa (2009), no início da década de 1980, difundiu-se em Fortaleza a ideia de um esvaziamento da cidade no carnaval. Essa concepção foi aguçada na década de 1990, devido ao grande interesse por cidades como Olinda e Salvador e pelas festividades ocorridas no litoral do Ceará, cujo modelo é, ainda na atualidade, o de som eletrônico reproduzido por trios elétricos. Entre os anos 2000 e 2006, matérias do jornal *O Povo* explicitavam a ausência de atrações carnavalescas na cidade, ou traziam debates entre gestores culturais e presidentes de agremiações sobre o assunto. A partir do ano de 2007, entretanto, os jornais locais noticiam mudanças no pré-carnaval e no carnaval, em razão do crescente número de blocos na cidade, que atraem a simpatia do fortalezense, bem como a ampliação da oferta de *shows* de bandas com repercussão nacional, como Beth Carvalho, Diogo Nogueira, Zeca Baleiro, Mano Chao, Orquestra Imperial, Moraes Moreira, dentre outros artistas.

Na década de 1990, a participação das gestões municipais ocorria mediante o controle do trânsito nas imediações das ruas e avenidas onde ocorriam os desfiles e ainda pelo repasse de uma verba à Federação das Agremiações Carnavalescas Cearenses (FACC). Vale notar que essa entidade foi fundada em 1948 pela iniciativa de pessoas envolvidas com manifestações culturais na cidade, em particular os blocos carnavalescos e os maracatus, como afirmou Calé Alencar, ex-presidente da instituição, em entrevista concedida no âmbito da pesquisa (CRUZ, 2008). Dentre as responsabilidades da instituição, estava a negociação de verbas com o poder público para a produção do carnaval, o estabelecimento das normas do desfile e a elaboração de leis de incentivo às manifestações culturais no Ceará. Conforme se verifica no estatuto da FACC, cabia à entidade o recebimento da verba municipal e o repasse às agremiações, sendo 20% do valor bruto destinado à FACC, e 80%, às agremiações associadas.

Devido ao incipiente número de blocos de pré-carnaval na década de 1980, foi somente nos anos 1990, com o surgimento do bloco Quem é de Bem Fica, que essa modalidade de festa se firmou em Fortaleza. Até então, as festas carnavalescas nas ruas da cidade eram, predominantemente, marcadas pelos desfiles dos maracatus. Com o aumento da atuação dos blocos de pré-carnaval, a temporalidade do carnaval se expandiu, propiciando novas percepções de tempo e espaço na cidade. Desde o seu

surgimento, os blocos viabilizam suas apresentações com investimentos particulares, pois nunca contaram com verbas públicas, como também não fundaram uma associação para representá-los. Mesmo despertando fortes sentimentos de identificação nos fortalezenses (PEREIRA, 2008), os blocos passaram a receber apoio da prefeitura apenas a partir de 2007, com a criação dos editais municipais.

As diferentes práticas culturais existentes em Fortaleza, como os blocos de pré-carnaval e os maracatus, imprimem significados diversos à cidade e à festa carnavalesca, de modo que as tramas do tempo de carnaval se configuram por meio do diálogo entre as distintas manifestações que se apresentam nesse período pelas ruas, praças, largos e da cidade.

Ah! Fortaleza: os blocos de pré-carnaval

Na atualidade, a prefeitura registra 60 blocos de carnaval em Fortaleza. Por todo o mês de janeiro, durante os finais de semana, os blocos exibem suas performances em espaços públicos da cidade. Alguns blocos realizam o desfile nas ruas; outros se apresentam em palcos, praças ou largos. No ritmo de marchinha ou samba-enredo, os blocos elegem o repertório musical conforme gostos particulares.

Janius Soares, fundador do bloco Periquito da Madame, no ano de 1980, afirma, em entrevista ao jornal O Povo do dia 21 de janeiro de 2010, ser o precursor do pré-carnaval de Fortaleza. A ideia, diz o senhor, foi resultado de suas experiências com os carnavais de São Luiz e Salvador. No início, o bloco foi convidado a se apresentar no Clube dos Diários, à época, localizado na orla de Fortaleza. Segundo Janius, “[...] era tanta gente que ficava um pessoal do lado de fora e o bloco tinha que sair pelas ruas” (ASSIM ...O POVO, 2010).

Durante os 30 anos de existência do bloco Periquito da Madame, ocorreram mudanças acerca das ruas eleitas para realizar o desfile. No entanto, independentemente do trajeto, o bairro escolhido foi sempre a praia de Iracema. Há seis anos o bloco não realiza o percurso pelas ruas, permanecendo, do início ao fim da apresentação, no largo Luiz Assunção, mais conhecido por largo do Mincharia. Situado a alguns metros do mar, era tido, no passado, como reduto de boêmios, como indica uma placa fixada na parede do quiosque, ao apresentar o fundador do bar como “da alta boemia”. O estilo de apresentação do bloco também mudou, pois já não há mais o percurso dos brincantes pelas ruas da praia de Iracema, trajados com fantasias, conforme indicam as fotografias do Museu da Imagem e do Som (MIS), cantarolando

marchinhas carnavalescas com o acompanhamento sonoro de um carro de baixa potência, como descreveu Janius Soares na matéria jornalística mencionada anteriormente. Essa opção por não desfilar revela que cada bloco tem diferentes maneiras de atuar e que elas sofrem mudanças ao longo do tempo. Essas constantes mudanças, por outro lado, indicam que a tradição não deve ser pensada de forma estática, mas no sentido dado por Sahlins (1990) de que a cultura é, constantemente, alterada na ação e de que toda reprodução cultural é também uma alteração, porque, como afirma o autor, os homens repensam, criativamente, seus esquemas convencionais.

Ainda que outros blocos sigam a mesma orientação de não realizar desfiles pelas ruas há diferenças entre eles quanto ao estilo musical, à utilização de produtos como espumas, confetes, bonecos gigantes e à faixa etária dos brincantes. Apesar da desapropriação de muitos imóveis na Rua dos Tabajaras, o largo do Mincharia permanece com sua antiga clientela, sendo a quinta-feira o dia preferido para reunir os amigos, segundo o entrevistado Janius Soares.

Nas proximidades do largo do Mincharia, situa-se o bar da Mocinha, cuja proprietária foi homenageada pela prefeitura no ano de 2009, a qual transformou o recinto em pólo carnavalesco, distribuindo máscaras com o rosto de sua proprietária. Cotidianamente, o bar da Mocinha é denominado "pagode da Mocinha", em razão das rodas de samba promovidas por fregueses, que se dizem aficionados pelo ritmo. Quando chega o pré-carnaval, o bar é ocupado pelo bloco Num Ispaia se Não Enche, dirigido por Dilson Pinheiro, conhecido em Fortaleza por ser um dos criadores do famoso bloco Quem é de Bem fica, em 1990, no bairro do Benfica.

Dilson é músico e apresentador de um programa de televisão local. Com uma banda musical que o acompanha em seus shows durante o ano, o vocalista exhibe, no pré-carnaval, um vasto repertório de marchinhas carnavalescas. Nessas apresentações, parte expressiva dos brincantes acompanha o bloco, de pé, no espaço das calçadas e do asfalto, com gestos e passos que fazem alusão à letra da música, como o aceno de bandeirinhas brancas quando o vocalista canta Bandeira Branca, música consagrada na voz de Dalva de Oliveira. Há brincantes que optam por mesas; outros preferem recostar-se sobre o balcão do bar, cuja aglomeração impossibilita a nítida visualização da fachada.

O bloco Num Ispaia Se Não Enche não é delimitado por cordas, sendo os arredores do bar da Mocinha, calçadas e asfalto da rua frontal, bem como o posicionamento da banda, os principais referenciais dos brincantes. Com muita

proximidade, os brincantes se apertam para possibilitar a passagem de outros blocos que desfilam pela rua lateral e também para não adentrar no espaço de outro bloco, que se concentra praticamente ao lado, denominado Que Merda é Essa. Os brincantes desse bloco ocupam um espaço triangular geograficamente desenhado pelo cruzamento de algumas ruas próximas. Nesse espaço, os músicos do Que Merda é Essa afinam os instrumentos, aquecem a voz, cantarolando músicas especialmente compostas para o bloco, ingerem bebidas, movimentam o corpo ao som da música do bloco vizinho, o Num Ispaia se não Enche, e dos outros blocos que passam, como, por exemplo, As Matracas de Iracema. A distinção mais acentuada desse último bloco, diga-se de passagem, é a utilização de máscaras brancas a esconder a face, bem como o traje de macacões fechados que cobrem todo o corpo de seus integrantes.

Em razão do grande fluxo de blocos nas imediações do bar da Mocinha, são necessárias sucessivas paradas da banda do bloco Num Ispaia se não Enche. Entretanto, isso é momentâneo, pois as atividades do bar cessam bem mais tarde, após a passagem da maioria dos blocos. Mesmo que a impressão seja a de que as fronteiras são apagadas em razão do encontro momentâneo dos blocos, é possível identificar o pertencimento de grande parte dos brincantes pelas vestimentas que os referenciam a determinados blocos, bem como pelo esforço empreendido para não serem levados pela multidão.

Se há blocos que concentram suas atividades em um mesmo lugar, existem outros que caminham por trajetos previamente planejados e acordados com a prefeitura. Além dos trajetos, os horários, atualmente em acordo com os editais, são previamente disponibilizados pela Secretaria de Cultura de Fortaleza. Desse modo, os blocos dialogam entre si não apenas pela proximidade, mas também pela distância. Cada um sabe o horário de apresentação do outro. O bloco Que Merda é Essa, por exemplo, só realiza seu desfile no sentido da praia, quando o bloco Cheiro já realizou sua apresentação no sentido contrário.

Durante toda a década de 1990, a praia de Iracema, uma região de alto valor imobiliário, recebeu intervenções urbanísticas do município e do governo estadual, promovendo grande afluxo de turistas e moradores. As apropriações que artistas e professores universitários fizeram de alguns bares e restaurantes na Rua dos Tabajaras e em seu entorno promoveram representações que, no passado, associaram aquele bairro à boêmia e à intelectualidade.

Mas não há blocos somente nessa parte da cidade. Outro bairro de grande repercussão no pré-carnaval é o Benfica. Situado nas proximidades do centro da

cidade, sua característica principal é ser um bairro universitário, em razão de abrigar as duas principais universidades públicas e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), além de ser uma região marcada pela atuação política. Ali se situam sedes sindicais e de partidos políticos de esquerda, ali se dá a efervescência das campanhas eleitorais, o acompanhamento dos seus resultados e as festas comemorativas pós-eleições. Dadas essas características, também é visto com um bairro marcado pela boemia, abrigando antigos e tradicionais bares frequentados por estudantes e pela intelectualidade local.

No bairro do Benfica, há blocos com 10 anos de fundação e outros com apenas dois anos. Cada um dos cinco blocos constrói representações de si. Entre os brincantes, há recorrentes discursos que representam o bloco no qual participam com características estereotipadas do bairro, como a boemia, a tradição e a intelectualidade. Como também há referências à loucura, por existir um sanatório na avenida onde está situada a Universidade Federal do Ceará.

As praças do bairro do Benfica são tomadas também por aqueles que as utilizam como lugar a ser ocupado durante toda a apresentação, como ocorre com os brincantes do Segura o Copo, que, fantasiados ou não, realizam sucessivas voltas pela praça, acompanhados por uma banda de sopro e metal, que mescla marchinhas tradicionais com músicas atuais.

Caso não haja simpatia pelo estilo musical, basta caminhar algumas quadras para localizar o bloco Luxo da Aldeia, composto por jovens estudantes universitários que optaram por apresentações no palco desde 2005, ano de sua fundação. O grupo inicia suas apresentações com a música Terral, de autoria do compositor cearense Ednardo. Nela, destacando o trecho que sugere a escolha do nome do bloco: “[...] eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará”. O repertório é composto somente por músicas de artistas cearenses, como forma de homenagear a “cultura musical de nossa terra”, conforme explica a primeira página do livro que traz o repertório do grupo.

Muitos são os blocos e distintas são suas características. No entanto, parece haver um sentimento comum aos brincantes: a nostalgia. Nas observações de campo, foram recorrentes os discursos sobre o pré-carnaval como um meio de reviver antigos carnavais. Se para uns o termo “antigo” aparece associado à infância, quando, junto com os familiares, frequentavam os bailes carnavalescos na escola ou nos clubes, para outros o sentimento vincula-se ao tempo da adolescência. Percebe-se, também, o desejo de rememorar um passado que não se prende à cidade de Fortaleza.

Relembra mitos, recontam o passado da cidade e reinventam o seu presente. À medida que o bloco se apresenta, os brincantes acionam, por meio das lembranças, memórias individuais que falam de cada um e também memórias coletivas que falam do grupo, da história de Fortaleza. Rememoram-se bairros, bares, ruas, praças e casas de um período distinto. Como sugere Pamuk (2007), ao narrar suas experiências de vida em Istambul, os indivíduos recontam com os olhos da memória a história da cidade. Certamente, passado e presente, naquele momento, se entrecruzam e, com isso, nos informam que tempo e espaço não podem ser dissociados, devendo ser pensados como fluxos, como processos.

Quando os últimos dias do mês janeiro se aproximam, os jornais se despedem dos blocos de pré-carnaval e saúdam o carnaval que chega com seus maracatus, afoxés, cordões e escolas de samba distribuídos por toda a cidade. No presente, dentre os sete pólos produzidos pela prefeitura, o pólo denominado Quando Fevereiro Chegar recebe maior atenção em infraestrutura, pois nele se concentra o desfile competitivo das agremiações. Cada dia é reservado à apresentação de uma agremiação, sendo o domingo de carnaval eleito para os maracatus.

Que venha o carnaval: os desfiles dos maracatus

Múltiplos são os desfiles produzidos na Avenida Domingos Olímpio, no carnaval. No período de apresentação dos maracatus, a avenida se reordena: ocorre a suspensão do trânsito de automóveis nas duas pistas de rolamento. A área reservada aos desfiles corresponde à largura de um dos lados da avenida, sendo, em média, quatro quilômetros percorridos pelas agremiações carnavalescas. Ao longo da área, encontram-se arquibancadas dispostas para o público e camarotes para os convidados. Já a outra pista se destina ao comércio de bebidas, lanches e artigos carnavalescos, como máscaras, confetes e espumas. Por toda a avenida, observa-se a sociabilidade entre aqueles que buscam amigos, namorados, bebidas ou estão aguardando o início dos desfiles. Parte expressiva das pessoas que prestigiam os maracatus é parente ou amiga dos brincantes, sendo a grande maioria oriunda de bairros da periferia. Há também pessoas da vizinhança, especialmente senhoras e crianças.

No ano de 2008, Cruz (2008) observou a dinâmica de alguns maracatus nos arredores da Avenida Domingos Olímpio, nos momentos que antecedem a apresentação. Relata a autora que, nas ruas de maior concentração dos maracatus, ouviam-se vozes em elevado volume e percebiam-se os passos apressados, notavam-

se a intensa busca por fantasias dentro de caixas, os ensaios das coreografias e a afinação de instrumentos; os gestos para recobrir o corpo de cor e brilho, e da aplicação de pinceladas sobre a face, produzindo a grossa camada de tinta preta chamada pelos brincantes de negrume. Para os brincantes, essa é a apresentação mais importante do ano. Por isso, os cuidados com a performance prosseguem até o início das apresentações. A festa inicia-se no fim da tarde de domingo e prolonga-se por toda a madrugada. No ano de 2010, doze maracatus desfilaram na Avenida Domingos Olímpio.

Participam do desfile dos maracatus somente aqueles que teatralizam o cortejo de coroação dos reis negros. Na fala dos brincantes, a coroação remete, principalmente, à práticas ocorrida em cidades brasileiras no século XIX, quando negros, cativos ou não, elegiam seus líderes no âmbito das irmandades religiosas de pretos e, no período das festas religiosas, realizavam a coroação do rei negro na igreja (SOUZA, 2002). Há também referências às coroações no continente africano antes da diáspora. Os dirigentes do maracatu Nação Iracema, por exemplo, militantes negros no Ceará, reportam-se, constantemente, às coroações africanas e a danças africanas quando elaboram o enredo do desfile (CRUZ, 2008).

Os desfiles dos maracatus se caracterizam por vestimentas pomposas, adornos coloridos e reluzentes, coreografias bem marcadas, impulsionadas pelo ritmo da música que, segundo os brincantes, relembram as "lamentações dos escravos nas senzalas". Contrapondo-se a essa cadência solene, há os maracatus Nação Fortaleza e o Solar, com uma proposta de ritmo mais acelerado e fantasias menos volumosas.

De maneira geral, à frente do grupo vem um homem com o rosto pintado de preto, segurando um estandarte que menciona o nome do maracatu, a data de sua fundação e o emblema do grupo. Em alguns maracatus, uma pessoa carrega em suas mãos um incensário, que exala fumaça perfumada, ou um recipiente com água e flores brancas. A posição do incensário no desfile não é fixa, pois, com um ritmo de corpo característico, ele percorre a avenida acompanhando diferentes alas. No entanto, em grande parte do tempo do desfile, ele se posiciona atrás do porta-estandarte.

Na ala dos índios, os componentes utilizam as cores amarela, vermelha e verde nas indumentárias e na face. As meninas fazem tranças nos longos cabelos negros e usam vestimentas sumárias. As performances são compostas por passos curtos e danças indígenas, como o toré.

Após a ala dos índios, segue-se a dos africanos – embora haja grupos, como o Vozes da África, que apresentem aqui homens com malabares em chamás. Na ala dos

africanos, alguns grupos enfatizam a palha nas vestimentas e nos adornos, mas preferem o rosto com leves traços brancos ou vermelhos, diferentemente de outros, que recobrem parte da face de tinta branca, a testa de vermelho e envolvem os olhos de preto. Sobre a cabeça, põem cocares com volumosas penas brancas e vermelhas; sobre o corpo, colocam apenas saíotes.

Logo em seguida, vem a ala dos orixás. Quando passam, os maracatus causam reações diversas no público, como olhares fixos, aplausos e sorrisos. Os componentes das alas dançam distanciados uns dos outros e esboçam expressões faciais sérias. Alguns grupos empreendem um esforço maior nessa ala, exibindo carros mecânicos com orixás. Mesmo não sendo uma parcela quantitativamente expressiva, há grupos que possuem íntima relação com religiões afrobrasileiras.

Contrastando com as cores vibrantes dos orixás, seguem-se as baianas, que percorrem a avenida com saias rodadas, blusas brancas e um turbante adornando a cabeça. De vestimenta semelhante à de uma baiana, porém colorida, segue rodopiando, com uma boneca à mão, uma brincante no papel de calunga. Aproximando-se da corte, a última ala do desfile do maracatu, vem o balaieiro. Com gestos leves e elegantes, o rapaz conduz sobre sua cabeça uma cesta de frutas tropicais, denominada balaio. Seus trajes chamam a atenção por causa do longo vestido colorido e cheio de babados, e também pelo rosto tingido de negrume, pelo uso de batom de cor vermelha e pelos muitos brincos e colares que adornam seu corpo.

A ala da corte, que encerra o desfile, é composta por rei, rainha, príncipes, princesas, damas de honra e vassallos. Um dos vassallos rodopia em torno da rainha, carregando um enorme guarda-sol colorido; o outro abana a rainha com um enorme leque. Com movimentos lentos e saudando o público com acenos e sorrisos, a rainha – tradicionalmente representada por um homem – é a personagem tida como de maior importância. Desse modo, sua indumentária, de grande volume, possui plumas de avestruz e abundantes bordados com lantejoulas, além da coroa recoberta de brilho amarelo e pedras reluzentes. Todos trazem o rosto pintado de preto.

O clímax do desfile ocorre nos momentos finais, quando o cortejo se aproxima dos camarotes onde estão as autoridades públicas. A rainha faz acenos e é calorosamente aplaudida. Em anos anteriores, houve coroações da rainha nesse momento final. Na atualidade, as rainhas já adentram a avenida com a coroa posta sobre a cabeça. Após os camarotes, os brincantes deixam suas posições rituais, buscam bebidas para se refrescar e procuram por amigos para tecer comentários sobre

o desfile.

A descrição dos blocos de pré-carnaval e dos maracatus empreendida nas páginas anteriores buscou oferecer ao leitor uma visão geral da dinâmica do carnaval em Fortaleza para que, nos próximos tópicos, seja possível acompanhar, com mais clareza, a discussão sobre os efeitos dos editais municipais sobre essas práticas já tradicionais na cidade, sua força como política pública de incentivo ao turismo, bem como sobre a forma como os blocos agem em relação às exigências dos editais.

Por outro lado, a riqueza dos dados apresentados, no sentido de revelar a multiplicidade de formas de apresentação adotadas pelos blocos, bem como as variações ocorridas ao longo do tempo, mesmo antes da existência dos editais, levam-nos a atentar para as diferenças apontadas por Hobsbawn (2008) entre costume e tradição. Considera o autor que as rotinas, ou o que ele denomina "redes de convenções" têm justificativa apenas técnica, e não ideológica, diferenciando-se das tradições, de conteúdo altamente simbólico. Entretanto, como ficará mais claro no tópico seguinte, no caso aqui estudado, o processo de invenção e reinvenção das tradições e dos princípios identitários por meio dos editais opera exatamente pelo controle das convenções e das rotinas de apresentação dos blocos e das performances dos brincantes. Nesse sentido, julga-se mais produtivo atentar para a relação entre convenção e ação, como proposta por Sahlins (1990). Ou seja, a síntese entre estrutura e ação, ou, de forma mais clara, entre esquema cultural e ação simbólica, entre conceitos culturais e experiência humana, tomando a cultura como um objeto histórico sujeito a constantes ressignificações, informado tanto pelo esquema cultural, como pela prática dos sujeitos.

Políticas Culturais, Políticas de Identidades: o olhar do poder público para blocos de pré-carnaval e maracatus

O pressuposto deste artigo é que, subjacente às ações promovidas pela prefeitura de Fortaleza a partir de 2006, em especial ao lançamento dos Editais da Cultura, que fomentam o carnaval fortalezense, está o interesse em redimensionar as identidades culturais em Fortaleza, em promover as manifestações culturais, de modo que se constitua a imagem de uma cidade vinculada não somente às belezas naturais. Tal fato vem se contrapor à difusão de imagens sobre Fortaleza e o Ceará nas gestões municipais e estaduais anteriores, mormente no período correspondente, na esfera estadual, aos governos de Tasso Jereissati e Ciro Gomes, conhecido como Governo das

Mudanças. Trata-se de um período político no Ceará, entre os anos 1987 e 2002, em que ocorreram gestões sucessivas de prefeitos e governadores filiados ao antigo PMDB e ao PSDB³. Ainda que seja em âmbito estadual que a expressão Governo das Mudanças ganhe força, é importante destacar que, nesse período, ocorreram alianças políticas entre prefeitos da capital e governadores (FORTE, 2004), de maneira que as políticas culturais, em particular o apoio a manifestações carnavalescas, devem ser compreendidas considerando essa relação próxima entre governos municipais e estaduais no referido período⁴. A eleição de Luizianne Lins, do Partido dos Trabalhadores (PT), em 2002, representou uma ruptura com esse ciclo político.

Em linhas gerais, a maior ambição dos chamados Governos das Mudanças era modernizar o Ceará. Para tanto, investiram em projetos industriais que proporcionassem ao estado negociações internacionais e configurassem uma imagem positiva para o Ceará, visto, até então, como em situação de atraso e miséria. Com o desdobramento dessas ações, o litoral cearense passou a ser forte elemento de atratividade turística, sendo criadas, naquele período, representações de Fortaleza como a “Miami do Nordeste”, ou ainda o “Caribe brasileiro” (FORTALEZA...*O povo*, 1994).

O que se verifica no presente, quando do exame da página da Secretaria de Turismo do Município de Fortaleza (SETFOR), é que a gestão da atual prefeita não renega o litoral como propiciador do turismo na cidade e no estado. O turismo é, certamente, item de atenção do poder municipal, pois as atividades promovidas pela Seculfor – como as festas de *réveillon*, o pré-carnaval e o carnaval em si – acontecem em período de férias escolares e feriados nacionais. Mas um dado peculiar revelado na análise de matérias jornalísticas do jornal *O Povo*, veiculadas entre os anos 1990 e 2010, durante os meses em que ocorrem o pré-carnaval e o carnaval na cidade, é que a mudança de significado atribuído ao tempo de carnaval em Fortaleza se acentuou na atual gestão. Nos anos anteriores, os cadernos Turismo, Economia e Vida & Arte, do referido jornal conferiam pouca visibilidade a essas festividades, explicitando notas sobre as festas em tom de informes ou noticiando os conflitos que perpassam a produção dessas práticas culturais em razão do baixo apoio financeiro e simbólico por parte da prefeitura. Outro aspecto interessante percebido no caderno Turismo foi que o carnaval de Fortaleza era e ainda é apresentado como período convidativo ao descanso, não sendo enfatizado, até o início dos editais, o desfile dos maracatus como opção de entretenimento ao turista. Entre os anos de 2006 e 2010, entretanto, houve mudanças significativas e gradativas, como o maior destaque aos desfiles das

agregações no carnaval e, sobretudo, dos blocos no pré-carnaval. Isso se observa, por exemplo, na matéria de capa do jornal *O Povo* de 17 de fevereiro de 2010, com a chamada em letras garrafais: "Fortaleza tem Carnaval, sim, senhor!"

Um dos pontos mais importantes que vieram à tona a partir das observações de campo é que o pré-carnaval e o carnaval são utilizados como ferramentas importantes para as propostas de ressignificação de imagens da cidade, idealizadas pela atual gestão municipal. As festividades promovidas para o carnaval seguem uma lógica que explicita valores aliados à tradição, à valorização da cultura local, ao "resgate" das raízes, ao incentivo ao carnaval festivo e ao turismo familiar. Se, de um lado, a prefeitura dedica atenção à produção de um carnaval voltado aos "valores tradicionais de seu povo", por outro lado, é preciso destacar que o carnaval cearense das últimas décadas, o chamado "carnaval das praias", ocorre em distintos municípios com *shows* de bandas baianas e trios elétricos. Outro ponto importante se refere às tensões entre "indústria cultural" e "cultura popular", pois, se de um lado a gestão fortalezense não incentiva o modelo "Carnaval de Praia", sugerindo serem produtos mercantilizados que não representam a "cultura cearense", ocorre, no período turístico, inclusive no carnaval, a contratação de bandas de repercussão nacional para se apresentarem na cidade.

No Ceará, existem hoje discordâncias políticas entre a esfera municipal e a estadual⁵, porém é possível verificar consonâncias entre as Secretarias de Cultura do município e do estado em diversas ações culturais. Segundo o atual secretário de cultura estadual, é preciso construir, em Fortaleza, espaços físicos, tais como "[...] o bumbódromo, em Parintins, para que bandas com forró tradicional, grupos de reisados e maracatus se apresentem durante todo o ano" (UNIVERSIDADE VIVA, 2010). São recorrentes discursos do secretário sobre a urgência em alçar o Ceará ao posto de estado cultural e, para tanto, julga necessário fortalecer as políticas de incentivo aos maracatus, reisados, bois, dentre outras manifestações tidas como populares.

Há, portanto, um diálogo entre as esferas estadual e municipal quanto aos marcadores de diferenças que permitem construir uma nova identidade para a região. Entendendo que a identidade é relacional e situacional (CUNHA, 1978, MARCUS, 1991, FELDMAN-BIANCO e CAPINHA, 2000), pode-se verificar nas propagandas e campanhas publicitárias do governo do estado, bem como nos veículos de informação institucional do município, que há uma referência mais aguçada, em alguns momentos, a símbolos identitários tidos como cearenses. Além dos símbolos que, de forma mais generalizada, remetem ao Nordeste, como o sol, a praia e a jangada, enfatizam-se também a

castanha de caju, o bordado, as rendas, a cachaça – e, em outros momentos, notadamente no carnaval, ganham força manifestações próprias de Fortaleza enquanto representativas de tradição, como é o caso dos maracatus e blocos. Em outros momentos, ainda, o mandacaru, a seca e o cangaço contrastam com a ideia de uma cidade “moderna”, associada aos arranha-céus, aos *resorts* e estruturas que mesclam tradição e contemporaneidade, como é o caso do complexo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura⁶.

Preocupações com o turismo, a natureza do carnaval de Fortaleza e a promoção de eventos que transformem Fortaleza em uma cidade cultural são pautas políticas da atual prefeita Luizianne Lins. Isso ficou explícito no período das eleições, em outubro de 2008, quando a prefeita concorreu com êxito à reeleição. O *marketing* político de Luizianne Lins afirma que sua gestão é inovadora, pois, ao contrário das anteriores, volta suas atenção ao sistema cultural (produção, circulação e consumo de bens culturais), sendo dada grande visibilidade à criação da SECULTFOR e à implementação dos Editais da Cultura.

De acordo com o Diário Oficial do Município de 17 de março de 2007, os Editais da Cultura possibilitam à população a realização de projetos (de teatro, música, dança, audiovisual, literatura, festas populares etc.) financiados pela gestão municipal e viabilizados por meio de uma política cultural municipal que ocorre em consonância com a política nacional de cultura, apoiada pela Lei Orgânica do Município e em parceria com outros órgãos gestores da área social do município. Este é um dado importante, pois ações empreendidas pela SECULTFOR, da prefeitura, e pela SECULT, do governo do estado, a partir de 2002, foram viabilizadas por medidas adotadas no cenário nacional, em especial com a posse do compositor Gilberto Gil no Ministério da Cultura (MINC). Rubim (2007) indica algumas linhas de ação do Ministro Gilberto Gil, tais como a atenção dada às culturas populares pela Secretaria de Identidade e Diversidades Culturais, a operacionalização do Fundo Nacional de Cultura, que passou a ser definido com base na concorrência de projetos, e a implementação de editais de apoio à cultura.

Em consonância com tais políticas nacionais de cultura, o programa político oficial da atual prefeita de Fortaleza afirma que a SECULTFOR responde pela implementação de programas de estímulo às “manifestações da cultura tradicional” e que, dentre outros objetivos, o órgão deve “afirmar e reconhecer a diversidade cultural existente na cidade”. Logo que houve o anúncio do primeiro Edital da Cultura para os blocos carnavalescos, Beatriz Furtado, à época presidente da Fundação de Cultura,

Esporte e Turismo (FUNCET)⁷, declarou que “[...] toda política da prefeitura é para requalificar os espaços públicos. Queremos uma cidade alegre e tomada pela população” (COMEÇA... 2006).

Assim, as ações empreendidas pelo atual gestão municipal buscam enfatizar o caráter da tradição como elemento importante da identidade fortalezense. Ressalte-se, por exemplo, o incentivo ao forró tradicional (xote e baião) no mercado dos Pinhões, o festival de quadrilhas na Praça do Ferreira – local tido como símbolo da cearensidade –, o fomento aos blocos de pré-carnaval e também o desfile dos maracatus na avenida Domingos Olímpio.

Políticas de controle da tradição, políticas de identidade

O carnaval é uma manifestação coletiva e popular, em tempo especial, marcado pela suspensão da vida cotidiana, pela inversão das hierarquias e valores, pela festa e pela licenciosidade. Estudos antropológicos como os de DaMatta (1997) e Viveiros de Castro (2008) já se debruçaram exaustivamente sobre o tema. Na perspectiva da gestão municipal, entretanto, o tempo de carnaval se apresenta como um período do ano apropriado pelos gestores e transformado em tempo especial na agenda da SECULTFOR. Assim, aquilo que historicamente se constituiu como uma manifestação essencialmente popular passa a ser gerido pelo poder público que fornece recursos financeiros, e, em contrapartida, estabelece as condições de apresentação das agremiações carnavalescas.

Tornou-se um tempo permanentemente negociado entre gestão municipal e brincantes, pois, apesar das regras impostas nos editais, é preciso considerar que os brincantes constantemente ressignificam suas práticas a partir de suas lógicas próprias. Mesmo que a SECULTFOR sugira o caráter inovador dessas atividades na cidade, não se trata exatamente de criação de uma temporalidade, já que as práticas carnavalescas dos blocos e dos maracatus são bastante anteriores aos editais. Mas, evidentemente, há uma tentativa de controle deste tempo de carnaval em Fortaleza.

Uma forma de controle curiosa é a escolha dos espaços. No projeto escrito por cada agremiação, deve ser mencionado o trajeto do desfile para que a prefeitura avalie se a área sugerida poderá ser utilizada. Locais da cidade, como ruas, largos e praças tidas como representativas da memória fortalezense são incentivados, mesmo aqueles que, na atualidade, são tidos como abandonados. No dia dos desfiles dos blocos, ruas são interditadas, balões infláveis com o emblema da prefeitura são postos em locais

estratégicos, policiais e paramédicos se fazem presentes e a prefeita da cidade comparece, no domingo de carnaval, na avenida Domingos Olímpio para prestigiar o desfile dos maracatus.

Quanto aos maracatus, o controle ocorre também por meio dos espaços oferecidos para assistir à festa, arquibancadas e camarotes – um destinado às autoridades, outro à imprensa e convidados. Os quesitos de julgamento do desfile dos maracatus são na atualidade elaborados pela Associação Cultural das Entidades Carnavalescas do Ceará (ACECCE) em razão do lançamento, em 2009, do I Edital de Chamamento Público para Credenciamento e Seleção de Entidades Civas Sem fins Lucrativos de Natureza Pública ou Privada. A proposta do edital foi estabelecer parcerias entre entidades civis e a SECULTFOR para a realização de eventos culturais, entre eles o carnaval e o pré-carnaval.

Desse modo, as formas de controle do tempo de carnaval em Fortaleza perpassam toda a festa, desde as exigências dos editais às agremiações para obtenção de recursos públicos, a fiscalização da festa em si mediante o edital de seleção de entidades civis e a posterior prestação de contas para a prefeitura. Verifica-se também o interesse da prefeitura em se manter próxima das manifestações culturais identificadas como tradicionais. Em 2010, mesmo o tradicional bloco Periquito da Madame não tendo sido contemplado com os editais, a prefeitura não deixou de colocar sua marca no local, com os vistosos balões. O mesmo ocorreu com o bloco Luxo da Aldeia, do tradicional bairro do Benfica.

Como o desfile dos blocos não possui caráter competitivo, o controle é feito pelos fiscais da prefeitura, que verificam o cumprimento dos critérios pré-estabelecidos: não comercialização de produtos pelos componentes do bloco, disposição de banheiros químicos, utilização de camisas padronizadas pelos brincantes, uso de bonecos gigantes, participação de carros de som para o acompanhamento sonoro da banda · que deve reproduzir somente marchinhas e sambas carnavalescos. Conforme relataram alguns fiscais, caso haja um bloco equipado com som de elevada potência, reproduzindo músicas que fujam às recomendações da prefeitura, será solicitado à agremiação modificar o repertório no ato do desfile. Se ocorrerem persistências e reações agressivas, a polícia deverá ser solicitada a agir.

As ações empreendidas pela SECULTFOR oferecem indicativos sobre a noção de cultura presente nas ações da prefeitura. Desde 2002, ocorreram várias ações de tombamento do patrimônio material como forma de preservação da memória da

cidade. Também há uma ênfase em políticas de incentivo e fomento ao que se convencionou chamar de cultura popular, como os Editais da Cultura e ações pontuais durante o ano. O Programa de Governo se refere ao caráter plural da cultura em um estado marcado pela diversidade. Por outro lado, essa noção mostra-se muitas vezes essencializada, referindo-se a uma tradição intocada, que deve ser preservada em sua inteireza. Há alusão, nos editais, a um carnaval que opte pelas tradições, sem trios elétricos, à divulgação do forró tradicional, à não utilização de equipamentos eletrônicos; há referência constante ao “resgate cultural”. Como observa Arantes (1990, p. 21) “[...] essas maneiras de pensar a cultura pressupõem ou que ela seja passível de cristalização, permanecendo imutável no tempo a despeito das mudanças que ocorrem na sociedade, ou, quando muito, que ela esteja em eterno ‘desaparecimento’”.

Quando a referência é a um carnaval pautado em elementos tradicionais, a tradição está sendo vista como um conjunto de práticas repetitivas que têm permanência ao longo do tempo e que preservam características “genuínas” da população. Entretanto, os elementos exigidos nos editais são ressignificados pelos grupos. Ainda que durante todas essas décadas preserve-se, nos maracatus, a sonoridade lenta, os passos bem marcados, o negrume na face e a composição da corte, observam-se mudanças de significados decorrentes do contexto em que são produzidos.

No desfile dos maracatus, indumentárias com cores verde, amarela, vermelha, preta, azul e branca, frutas e legumes da terra, os índios, as baianas, os brancos e os africanos, além dos orixás, sugerem narrativas relacionadas à nação. Mesmo que os maracatus destaquem símbolos identitários locais, como a Jangada e a Índia Iracema, o que eles apresentam são narrativas ora sobre a ancestralidade africana, ora sobre a própria nação brasileira, repondo, inclusive, o mito das três raças (CRUZ, 2008).

Em relação aos blocos, verificou-se a presença de parte expressiva dos elementos sugeridos pela prefeitura, no entanto a forma de apropriação é diferenciada: um bloco optou por um *slogan* que evocava a revitalização da praia de Iracema e por bonecos gigantes que homenageavam artistas cearenses. Além do que, os bonecos e as marchinhas remetem muito mais a um carnaval do Recife atual e do Rio antigo.

No Pré-Carnaval de 2010, destacou-se a presença dos blocos De Quem é Esse Jegue? e Buono Amici 's, criados a partir do lançamento dos editais, por obra dos bares

Órbita e Amici's – bares/boates fechados, que cobram ingresso aos frequentadores –, ambos situados na praia de Iracema. Trata-se de um acordo prévio entre os brincantes e os donos desses bares. No cotidiano, os participantes desses blocos pertencem a duas distintas escolas de percussão que rivalizam entre si. Como não possuem sede própria, as escolas firmam, separadamente, contratos com os bares, com o propósito de ali realizar os ensaios. Em contrapartida, os integrantes realizam *shows* gratuitos no interior dessas casas e também desfilam no pré-carnaval, promovendo o nome do estabelecimento comercial.

Esses estabelecimentos abrigam grande parte dos brincantes que para lá se dirigem após os desfiles dos blocos. No dia das apresentações, os bares explicitaram suas rivalidades por meio dos blocos que competiam pelo melhor desempenho. Uma peculiaridade desses dois blocos é o elevado poder aquisitivo dos componentes e a faixa etária, que se situa entre 20 e 40 anos. Outro aspecto percebido foi a predominância do samba-enredo como estilo musical. No desfile de 2010, a parte externa do bar Órbita, ponto de apoio do bloco De Quem é Esse Jegue?, estava coberta por enormes painéis tendo como estampa os arcos da Lapa. No interior do recinto, foi servida feijoada aos brincantes que saborearam os alimentos ao som de samba. Muitos dos componentes dizem sentir enorme identificação com o Rio de Janeiro e com a escola de samba Portela. No dia do desfile, os integrantes do bloco De Quem é Esse Jegue? vestiram camisas padronizadas, *shorts* brancos e chapéu de palha de cor branca sobre a cabeça.

Há vários pontos a destacar quanto aos novos elementos que assomam o pré-carnaval fortalezense, no período pós-editais da prefeitura. Primeiramente, a conotação de classe presente na composição e atuação desses dois blocos. Vale notar que a elite fortalezense sempre teve, como referenciais de civilidade e de modernidade: no Brasil, as cidades de Recife e Rio de Janeiro; no exterior, os países europeus, com predileção pela França. Outro ponto se refere à utilização dos blocos como forma de propaganda de estabelecimentos comerciais, no caso os bares. Nesse sentido, a escola de samba, suas práticas e a visibilidade já adquirida tomam o caráter de mercadoria naquele curto período do ano, o que torna muito apropriada a formulação de Appadurai (2008, p. 30) de que “[...] a mercantilização reside na complexa interseção de fatores temporais, culturais e sociais”. Ou, ainda, a sua ideia de deslocamento, de *desvio*, de objetos e coisas de uma situação que as protege da mercantilização – seu caráter de tradição popular, por exemplo – para a de mercadoria (APPADURAI, 2008, p. 42). Complementarmente, Arantes (2004, p. 10) afirma que,

em um contexto no qual a cultura é atrelada ao mercado, os investimentos impulsionam a atribuição de novos sentidos ao patrimônio cultural, pois, além do “[...] valor documental, simbólico e afetivo atribuído a esses bens, o seu valor de mercado é o que emerge na crista da onda cultural contemporânea no Brasil e fora daqui”. Diante dessas questões, as ações do poder público em relação aos maracatus e aos blocos de pré-carnaval permitem compreender os interesses que levam a tomar o carnaval como formulador de referenciais identitários.

Esses exemplos mostram, também, uma forma de lidar com as regras colocadas pela prefeitura e de preservar as preferências e interesses dos organizadores e brincantes. Os dois blocos acima referidos mostram-se claramente de elite, e a referência principal é o Rio de Janeiro, ainda que utilizem elementos da tradição cearense, como a referência ao jegue. Ao mesmo tempo em que os dirigentes procuram seguir as orientações do edital, adequam essas exigências ao gosto, valores e interesses de seus integrantes.

A forma eclética com a qual os blocos lidam com as exigências dos editais pode ser verificada também em blocos como o Sanatório Geral, que faz crítica social por meio de bonecos de Sigmund Freud e Antônio Conselheiro. A reprodução de músicas da Xuxa, do Balão Mágico e do Trem da Alegria no bloco Segura o Copo aponta para uma mescla entre o tradicional e os sucessos que são produtos da indústria cultural. Conforme identificou Pereira (2008, p. 159), os componentes desse bloco “[...] são pessoas que residem há pouco tempo, ou residiram nos tempos mais recentes no referido bairro”, portanto, não estão inseridos nas práticas tradicionais do bairro no período do carnaval, mas participam delas conferindo-lhes uma nova tonalidade.

Ademais, as mudanças graduais que se processam no carnaval de Fortaleza ocorrem em razão das pressões do setor comercial, que se sente prejudicado com o “esvaziamento” da cidade nessa época. Segundo o presidente do bloco Concentra Mais Não Sai, os editais produziram alterações no pré-carnaval da cidade, pois, segundo ele, se verifica um maior entusiasmo dos brincantes e uma significativa presença de pessoas que prestigiam os blocos por todo o mês de janeiro.

Entrevistas com brincantes de blocos e de maracatus, entretanto, revelam que o êxito se restringe ao período do pré-carnaval, pois continua o esvaziamento da cidade nos dias de feriado de carnaval, com forte fluxo de pessoas em direção ao litoral e a outras capitais, sobretudo de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Além do mais, apesar dos 74 anos de desfiles dos maracatus em Fortaleza, observa-se que somente

no carnaval essa manifestação adquire visibilidade e sentido identitário. Como lembra José Murilo de Carvalho (1990, p. 89), para que o imaginário social seja arraigado nas mentalidades, precisa haver uma “continuidade de sentido”. Assim, “[...] símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural no qual se alimentam”.

Sobre todas essas questões, Arantes (2004) oferece reflexões importantes. Para o antropólogo, certas manifestações são “[...] mais carregadas de sentidos de identificação do que outras” (2004, p. 12). Segundo o autor, são essas as que se encontram na mira das políticas culturais que, nesse sentido, põem em marcha o processo de *reinvenção das tradições*. Mesmo que a gestão municipal dê grande estímulo às manifestações populares, o que se verifica efetivamente é o incentivo destas no âmbito de uma concepção específica: o carnaval. Este é um momento importante para Fortaleza, sobretudo porque há o interesse no turismo como elemento de desenvolvimento econômico.

Considerações finais

Este artigo se construiu ancorado em um pressuposto central: as ações promovidas pela prefeitura de Fortaleza a partir de 2007, com o intuito de incentivar e organizar o carnaval fortalezense, tiveram como principal interesse redimensionar as identidades culturais em Fortaleza, promovendo imagens relacionadas às manifestações culturais e desconstruindo um certo imaginário sobre a cidade – o de uma cidade de pouca tradição cultural, cujo atrativo se resume às belezas naturais, sobretudo das praias.

Os dados de campo colhidos até o momento revelam que tal afirmativa da atual gestão municipal produz uma contraposição às imagens difundidas sobre Fortaleza e o Ceará no período dos Governos das Mudanças, quando o Estado procurou forjar “comunidades imaginadas” de exaltação ao progresso – no sentido dado ao conceito por Anderson (1994), que se refere a ideias construídas, baseadas em valores afirmados e reafirmados para que sejam introjetados como próprios de uma comunidade.

De acordo com os dados apresentados, verifica-se que, realmente, a atual gestão municipal de Fortaleza promoveu mudanças na organização e realização do carnaval fortalezense. A intervenção da gestão municipal propiciou rearranjos simbólicos tanto nas agremiações carnavalescas, como na cidade. Entretanto, apesar

de a prefeitura conferir ineditismo ao tempo de carnaval, na realidade ocorre muito mais do que a criação de um tempo novo: surge o controle dessa temporalidade.

Todavia, mesmo a gestão municipal procedendo ao incentivo e ao controle da festa por meio de imposições quanto ao tempo de início e término das apresentações, os percursos a serem realizados e os espaços a serem ocupados pelos blocos – além da exigência de determinados elementos nessas manifestações, destaca-se a resignificação dos mesmos graças às lógicas próprias dos brincantes, que incorporam os novos elementos dentro do esquema cultural que lhes é próprio, em acordo com a formulação de Sahlins (1990).

Quanto a esse aspecto, é importante atentar para a noção de cultura subjacente aos discursos e práticas dos atuais gestores municipais. Assevera-se o entendimento de cultura em sua pluralidade e diversidade, porém a referência constante à busca das raízes e tradições repõe visões essencialistas sobre a cultura.

Visualizam-se, portanto, os maracatus e os blocos que se apresentam na cidade desde a década de 1930 como instrumentos de formulações identitárias capazes de, como o próprio conceito de identidade possibilita, expressar pertencimento e marcar a distinção perante gestões anteriores, bem como, em alguns momentos, em relação a outros estados brasileiros. Fazem sentido, portanto, a proibição do ritmo axé e da música eletrônica, que caracterizam o carnaval baiano; a obrigatoriedade do rei e da rainha dos maracatus de pintarem suas faces de preto, diferenciando-se, assim, dos maracatus pernambucanos, e firmando esse elemento como tradição do maracatu cearense.

Por outro lado, os dados também sugerem que, por meio da apresentação de bonecos gigantes, a prefeitura se reporta a tradições que marcam os carnavais de Pernambuco e marcaram os carnavais do Rio antigo, mas que não formam parte das tradições do carnaval fortalezense ou cearense. A incorporação de tais elementos se aproxima de uma tentativa de “invenção de tradições”, no sentido dado à expressão por Hobsbawn (2008), que se refere não apenas às tradições realmente criadas e formalizadas institucionalmente, mas também àquelas práticas que se estabelecem rapidamente com esse estatuto, ainda que possam ter construção recente (HOBSPATH, 2008, p. 9).

Por fim, conclui-se que, ainda que a atual gestão municipal se contraponha, em seu discurso e suas ações, aos governos anteriores, a lógica da criação de um novo imaginário local se repete. Agora, porém, deslocando o ideal de progresso, desenvolvimento e modernização, centrado na industrialização do estado, para o ideal

de desenvolvimento via turismo, pautado pelo incentivo às tradições culturais. Ou seja, é possível dizer que, apesar dos insistentes discursos da atual gestão, afirmando um trato diferenciado para a cultura em comparação com as gestões anteriores, o que se verifica é uma articulação entre políticas de cultura, políticas de turismo e de desenvolvimento econômico.

Referências bibliográficas

ASSIM nasceu o Pré-Carnaval *Jornal O Povo*, Fortaleza, 21 jan. 2010. Caderno Vida & Arte.

ANDERSON, B. *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London; New York: Verso, 1994.

APPADURAI, A. Introdução: mercadorias e a política do valor. In: _____. *A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói, RJ: EdUFF, 2008.

ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. In: *Revista da Cultura*, ano 2004, n. 7. Disponível em: <<http://www.funceb.org.br/pdf.html>>. Acesso em: 23 fev. 2010.

BARBALHO, Alexandre. A modernização da cultura: políticas para o audiovisual nos governos Tasso Jereissati e Ciro Gomes (Ceará/1987-1998). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2005.

BARROSO, G. Coração de menino. In: *Memórias de Gustavo Barroso*. 2. ed. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 2000, p. 34-46. (Coleção Alagadiço Novo).

BEZERRA, R. *O bairro Praia de Iracema entre o "Adeus" e a "Boemia": usos e abusos num espaço urbano*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *Negros estrangeiros*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CARVALHO, J. M de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTI, M. L. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 2008. COSTA, G. B. *A festa é de maracatu: cultura e performance no maracatu cearense (1980-2002)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

COMEÇA a folia em Fortaleza **Jornal O Povo**, Fortaleza, 07 de janeiro de 2006.
Caderno Cotidiano

CRUZ, M. D. *Sentidos e significados da negritude no maracatu Nação Iracema*. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1997.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, 17 mar. 2007. Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2007.

FEDERAÇÃO DAS AGREMIações CARNAVALESCAS DO CEARÁ. *Estatuto*. Fortaleza: FACC, 2006.

FELDMAN-BIANCO, B.; GRAÇA, C. (Orgs.). *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

FORTALEZA cresce e aparece **Jornal O Povo**, Fortaleza, p. 6 mar. 1994.

_____. *Cultura de bolso*, janeiro de 2008: guia com a programação cultural da Prefeitura de Fortaleza

_____. Pré-Carnaval de Fortaleza 2007: guia com a programação cultural da Prefeitura Municipal de Fortaleza janeiro de 2007a.

_____. Prefeitura Municipal de Fortaleza – Secretaria de Cultura de Fortaleza. Fortaleza: EDITAL outubro de 2007b.

_____. Prefeitura Municipal de Fortaleza – Secretaria de Cultura de Fortaleza. Fortaleza: EDITAL nº10/2008, 2009.

FORTALEZA tem Carnaval, sim, senhor! **Jornal O Povo**, Fortaleza, 17 de fev. 2010. Capa.

FORTE, J.P. *A construção do metrofor e suas conseqüências sobre o trabalho informal no Centro de Fortaleza*. 2004. Monografia (Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1990.

GONDIM, L. M. de P. *O Dragão do mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Ed. Annablume, 2007.

HOBBSAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.), *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX, ao nível mundial. In: *Revista de Antropologia*, v. 34. São Paulo: USP, 1991.

MARQUES, J. P. *Festas de negros em Fortaleza*. 2008. 225 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2008.

MILITÃO, J. W. R. *Maracatu Az de Ouro: 70 anos de memórias, loas e batuques*. Fortaleza: Omni Editora, 2007.

OLIVEIRA, C. M. S de. *Fortaleza: velhos Carnavais*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1997.

OVERING, J. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. In: *Mana - Estudos de Antropologia Social*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro: PPGAS; Relume Dumará, 1995.

PALMEIRA, M. Política e tempo: nota exploratória. In: PEIRANO, M (Org.). *O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará; UFRJ, 2002.

PAMUK, O. *Istambul: memória e cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEREIRA, D. I. *Lugares no bairro: uma etnografia no Benfica*. 2008. Dissertação

(Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

PIRES, Sérgio. *Ispaiá Brasa*, o bloco que foi escola. Fortaleza (CE), v. 5. 2004. (Coleção memória equatorial).

QUEIROZ, M. I. P de. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

REIS, L. V. S. Negro em “terra de branco”: a reinvenção da identidade. IN: SCHWARCZ, L. M.; REIS, L. V. S. (Orgs.). *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil*. São Paulo: Ed. da USP; Estação Ciência, 1996.

RODRIGUES, L. C. *Metáforas do Brasil: demissões voluntárias, crise e rupturas no Banco do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.

RUBIM, A. A. C. *Políticas Culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

SAHLINS, M. *Ilhas de história*. Trad. de Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1990.

_____. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte 1). IN: *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 1. Rio de Janeiro: PPGAS; Relume Dumará, 1997.

SCHWARCZ, L. M. Complexo do Zé Carioca. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Anpocs, 1995.

SOUZA, M. de M e. *Reis negros no Brasil escravista*. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2002.

Universidade Viva. Fortaleza, 14 de março de 2010.

Como citar esse artigo

CRUZ, D. M & RODRIGUES, L. C. Tempo de Carnaval: políticas culturais e formulações identitárias em Fortaleza. IN: *Proa – Revista de Antropologia e Arte* [on-line]. Ano 02, vol.01, n. 02, nov. 2010. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/proa/ArtigosII/danielle_lea.html , acesso em: dd/mm/aaaa.

Notas

-
- ¹ A inspiração da expressão vem de Palmeira (2002), que, ao empreender pesquisas entre populações camponesas do Nordeste brasileiro, buscou refletir sobre a categoria nativa tempo da política utilizada por seus interlocutores, de modo recorrente e não circunstancial, que associava política a eleições. Trata-se de uma acepção de tempo marcada por rituais e evitações e de um modo de a população representar a estrutura social; tempo em que a sociedade exhibe suas divisões. Mas, ainda que inspirada por esta formulação, o sentido do tempo de carnaval tomado neste artigo não opera, totalmente, com a mesma lógica do tempo da política empreendido por Moacir Palmeira. Fundamentou-se na categoria posta pelo autor com a finalidade de pensar como um dado momento da realidade é temporalizado, isto é, transformado em tempo especial por brincantes e pelo poder público.
- ² PROGRAMA oficial do Governo de Luizianne Lins, julho de 2008. Disponível em: <<http://www.Luizianne13.com.br>>. Acesso em: 16 ago. 2008.
- ³ Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).
- ⁴ Sobre o Governo das Mudanças veja, ainda, Barbalho (2005) e Gondim (2007)
- ⁵ O atual governador Cid Gomes é filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB).
- ⁶ Segundo Gondim (2007, p.220), as críticas dirigidas ao projeto arquitetônico do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, construído pelo governo do estado em 1998, referem-se ao seu "estilo pós-moderno". Segundo a autora, os que rejeitam o projeto argumentam que as características monumentais do complexo destoam de seu entorno com arquitetura remanescente do século XX, indicando uma perda de identidade cultural cearense.
- ⁷ Instituída em 11 de novembro de 1985, pela Lei Nº 6.012, a Fundação de Cultura, Esporte e Turismo (FUNCET), responde pela concepção e implantação de políticas públicas para a cultura no âmbito da Prefeitura Municipal de Fortaleza. No ano de 2008, de acordo com a Lei Complementar Nº 0054 de 28 de dezembro de 2008, há a criação da Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR). A SECULTFOR é um órgão integrado ao município responsável pelas ações que visem a "proteção da memória e do patrimônio histórico, artístico e cultural, além de viabilizar a promoção de programas que fomentem a formação, criação, produção e circulação das expressões culturais, o fortalecimento da economia da cultura e a requalificação dos espaços públicos e o pleno exercício da cidadania" (Disponível em: <<http://www.Luizianne13.com.br> / 16.08. 2008). Desse modo, a FUNCET que respondia até então pela concepção e implementação de políticas públicas para a cultura no âmbito da Prefeitura de Fortaleza, e, nesse sentido, promovia o carnaval da cidade de Fortaleza, passa a ter novo papel com a criação da SECULTFOR, voltando-se, nesse contexto, a captação de recursos financeiros para as áreas de esporte, turismo e cultura.